

Pacto entre derrotados

Ernesto Sabato

*Fracassamos
sobre os bancos de areia do racionalismo
demos um passo para trás e voltamos a tocar
a rocha abrupta do mistério.*

Urs von Balthasar

Falo com você e, através de você, com todos os garotos que me escrevem ou me param pela rua, também com os que me olham de outras mesas de um café, que querem falar comigo e não se atrevem.

Não quero morrer sem lhes dizer estas palavras.

Tenho fé em vocês. Escrevi-lhes textos muito duros, durante um longo tempo não sabia se voltaria a lhes falar do está acontecendo no mundo. Do perigo que corremos todos os homens, ricos e pobres.

Isto é o que eles não sabem, os homens do poder. Não sabem que seus filhos também estão nessa pobre situação.

Não podemos mergulhar na depressão, porque, de certo modo, é um luxo a que não podem dar-se os pais das crianças que morrem de fome. E não é possível que nos tranquemos em casa cercados de cada vez mais de dispositivos de segurança.

Temos de nos abrir ao mundo. Não achar que o desastre está fora, mas que arde como uma fogueira na própria sala de nossa casa. É a vida e nossa terra que estão em perigo.

Transcrevo-lhes uns versos de Hölderlin:

O fogo mesmo dos deuses dia e noite nos impele a seguir adiante.

Vem! Olhemos os espaços abertos, busquemos o que nos pertence, por mais longe que esteja.

Sim, jovens, deve-se encarar a vida do mundo como uma tarefa própria e sair a defendê-la. É nossa missão.

Não se deve pensar que os governos vão cuidar disso. Os governos esqueceram, quase poderíamos dizer que no mundo inteiro, que seu fim é promover o bem comum.

A solidariedade adquire então um lugar decisivo neste mundo acéfalo que exclui o diferente. Quando nos responsabilizamos pela dor do outro, nosso compromisso nos dará um sentido que nos colocará acima da fatalidade da história.

Mas antes teremos de admitir que fracassamos. Do contrário, voltaremos a ser arrastados pelos profetas da televisão, pelos que buscam a salvação na panaceia do hiperdesenvolvimento. O consumo não é um substituto do paraíso.

A situação é muito grave e afeta a todos nós. Mas, mesmo assim, há quem se esforce em não trair os nobres valores. Milhões de seres no mundo sobrevivem heroicamente na miséria. Eles são os mártires.

Podemos vê-los descendo dos trens, dos ônibus, após desumanas jornadas de trabalho, ou desolados quando não o têm. Podemos vê-los nas mulheres gastas aos trinta anos pelos filhos e pela premência de trabalhar em troca de pagas miseráveis. Nos meninos de rua, nos velhos que dormem nas galerias do metrô. Em todos os homens abandonados ao sofrimento e a sua inteligência.

Uma vez perguntaram a Pasolini por que ele tinha tanto interesse pela vida dos marginalizados, como o protagonista de *Mama Roma*, e ele respondeu que o fazia porque neles a vida se conserva sagrada em sua miséria.

Num arquivo em que coleciono papéis, recortes que me ajudam a viver, tenho uma fotografia do terremoto que, anos atrás, precariamente seu barraco feito de chapas de zinco e papelão, está varrendo com uma velha vassoura um trecho de terra batida diante de seu casebre. E ainda nos fazemos perguntas teológicas! Quanto mais eloquente é a imagem dessa pobre indiazinha que continua varrendo sua casa e cuidando de seus filhos! Seres desse tipo revelam-nos o Absoluto de que tantas vezes duvidamos, que se cumpre neles, pois, como disse Hölderlin, onde campá o perigo cresce o que salva.

Ao longo da história, sempre que estivemos a ponto de sucumbir, salvamo-nos graças à porção mais desvalida da humanidade. Tenhamos bem presentes, portanto, as palavras de María Zambrano: “ *Não se passa do possível ao real, mas do possível ao verdadeiro*”. Muitas utopias foram futuras realidades.

São muitos os motivos, você dirá, poderia dizer, para descrever de tudo.

Os jovens como você, herdeiros de um abismo, vagam exilados numa terra que não lhes dá abrigo. Nesse desarrimo existencial e metafísico, sofrem órfãos de céu e de teto. Compreendo sua aflição, o desconcerto de pertencer a um tempo em que ruíram os muros, mas em que ainda não se avistam novos horizontes. Falsos luminares pretendem cativar sua vontade falando nas telas. Você deve achar que não existe nenhuma possibilidade de mudança quando o valor da existência é menor do que o preço de um anúncio publicitário. O ceticismo agravou-se por causa da crescente resignação com que assumimos a magnitude do desastre. A banalidade com que se degradam os sentimentos mais nobres, degenerando o homem em uma caricatura patética, em um ser irreconhecível em sua humanidade.

Eu também tenho muitas dúvidas, e por vezes chego a pensar se são válidos os argumentos com que tentei encontrar um sentido para a existência. Reconforta-me saber que Kierkegaard dizia que ter fé é a coragem de sustentar a dúvida. Eu oscilo entre o desespero e a esperança, que é a que sempre prevalece, porque, senão, a humanidade teria desaparecido quase desde o começo, pois são tantos os motivos para duvidar de tudo. Mas com a persistência desse sentimento tão profundo quanto disparatado, desprovido de toda lógica — pobre do homem que conta apenas com a razão! —, salvamo-nos, uma vez após outra, sobretudo graças às mulheres; pois elas não apenas dão a vida, mas também são elas que preservam esta enigmática espécie. Não por acaso, numa das culturas de sabedoria milenar, acreditava-se que a alma de uma mulher que morria no parto era levada ao mesmo céu que a do guerreiro tombado em combate.

Por isso falo com você, no desejo não apenas de provocar, mas também de convencer.

Muitos questionam minha fé nos jovens, por considera-los destrutivos ou apáticos. É natural que em meio à catástrofe alguns procurem a fuga no consumo vertiginoso de drogas. Um problema que os imbecis pretendem entender como caso de polícia, quando é resultado da profunda crise espiritual do nosso tempo.

Eu reafirmo minha confiança em vocês. São muitos os que em meio à tempestade continuam a lutar, oferecendo seu tempo e até a própria vida pelo outro. Nas ruas, nas prisões, nas favelas, nos hospitais. Mostrando-nos que, nestes tempos de falso

triunfalismo, a verdadeira resistência é a que batalha por valores que se consideram perdidos. Durante minha viagem à Albânia, conheci um rapaz chamado Waltere, que tinha deixado sua casa na província de Tucumán para ir tratar de doentes junto à congregação de madre Teresa de Calcutá. Com quanta emoção o recordo. Sempre que vejo as terríveis notícias que nos chegam daquele querido país, eu me pergunto onde ele estará, se acaso lerá estas palavras de reconhecimento a seu nobre heroísmo.

São milhões os que estão resistindo, você mesmo pode constata-lo ao ver esses homens e mulheres que se levantam a altas horas da madrugada e saem para procurar um emprego, trabalhando no que podem para alimentar seus filhos e sustentar honestamente a família, por modesta que seja. Você já parou para pensar quantos em todo o país partilham esta fome por dignidade e justiça?

Milhares de pessoas, apesar das derrotas e dos fracassos, continuam a se manifestar, tomando as praças, decididos a libertar a verdade de seu longo confinamento. Em toda a parte há sinais de que as pessoas começam a gritar: “Basta!”. O mesmo acontece com o movimento zapatista no México, e com todos os movimentos que nos alertam do perigo que corre o futuro do planeta.

Temos de lembrar que existiu uma pessoa que derrubou o império mais poderoso do mundo com uma cabra e uma roca simbólica. Uma saída possível é promover uma insurreição à maneira de Gandhi, com jovens como você. Uma rebelião de braços caídos que derrube esse modo de vida em que os bancos tomaram o lugar dos templos.

Essa rebelião de modo algum justifica que você fique numa torre, indiferente ao que acontece ao seu redor. Gandhi advertiu que é uma mentira pretender ser não-violento e permanecer passivo diante das injustiças sociais. Ao contrário, acho que é a partir de uma atitude anárquico-cristã que teremos que encaminhar a vida.

Já não restam loucos, morreu aquele manchego, aquele estapafúrdio fantasma no deserto. Todo o mundo está são, terrível, monstruosamente são.

Essa loucura, cuja ausência Leon Felipe lamenta, é um ato semelhante ao do estoico Guevara, quando abandonou todas as comodidades e partiu para uma luta insana na

selva boliviana, doente de asma, já sem remédios para o seu mal; para terminar assassinado por animais cruéis e repugnantes. Que importa se ele estava enganado quanto ao materialismo dialético? Até isso prova sua inocência, sua autenticidade. Lutava por aquele Homem Novo que agora urge-nos resgatar dos escombros da história. Em sua carta final, diz aos pais: “Queridos velhos, sinto de novo sob meus calcanhares as costelas de Roncinante, volto à estrada empunhando minha lança”; e então sai em busca daquilo que Rilke chamaria sua morte própria. Essa é sua grandeza, que alguns considerarão sua infantilidade, sua tolice; mas esses gestos de heroísmo demencial são os que nos resgatam de tanta iniquidade, pois não se pode viver sem heróis, santos nem mártires. Como esses estudantes que na praça da Paz Celestial, em um horrível massacre, morreram impondo-se ao implacável aço dos tanques. São eles os que nos indicam os caminhos pelos quais a vida pode renascer.

Vivemos um tempo em que o futuro parece dilapidado. Mas se o perigo tornou-se nosso destino comum, temos de responder perante aqueles que reclamam nosso cuidado.

Agora há pouco, vi pela televisão uma mulher que sorria com imenso e modesto amor. Comoveu-me a ternura dessa mãe de Corrientes ou do Paraguai, que chorava de felicidade junto a seus trigêmeos que acabavam de nascer em um miserável hospital, sem se abater ao pensar que a eles, assim como a seus outros filhos, espera o desamparo de uma favela, inundada nesse momento pelas águas do Paraná. Não será Deus que manifesta nessas mães? Por que haveria de se manifestar somente em poetas como são João da Cruz ou nas sagradas pinturas de Rouault?

Se toda resistência parece absurda quando se pressente o fim, por que não parar para meditar sobre esses santos? Por acaso eles não são uma amostra de que existe alguma coisa do outro lado do abismo?

Não sabemos se, no fim do caminho, a vida aguarda como um mendigo que nos estenderá a mão.

Essa fé demencial, ou milagrosa, deve-se justamente ao fato de termos chegado ao fundo do poço. É necessário preservar os lugares, que existem até nas periferias das grandes cidades, onde ainda se conservam os atributos do homem concreto de carne e osso.

Quando o mundo hiperdesenvolvido vier abaixo, com todos os seus siderantropos e sua tecnologia, nas terras do exílio há de se resgatar o homem em sua unidade perdida. E quem sabe, quando acordarmos deste sinistro pesadelo, quando um vazio de humanidade nos doer no peito, então lembraremos que um dia fomos aquilo que disse René Char: “Seres do salto, não do festim, seu epílogo” .

Você me fala de sua agitação, de uma espécie de tremor que o sacudiu e ainda perdura, depois de nossa conversa naquele café, ao me ouvir dizer estas palavras.

Você tem de me perdoar; apesar dos anos, não posso evitar ser desconhecido naquilo que considero fundamental.

Por outro lado, há tremores tão importantes! Porque precedem esse tipo de decisão que abala os alicerces da nossa existência e, ainda que incompreendidos, terminam repercutindo no destino dos demais. Os grandes criadores realizam suas obras sob tensões similares. Somente o que se faz com paixão merece nosso afã, o resto não vale a pena.

Eu também quis fugir do mundo. Vocês me impediram que o fizesse, com suas cartas, com suas palavras pelas ruas, com seu desamparo.

Proponho-lhes então, com a gravidade das palavras finais da vida, que nos abracemos em um compromisso: saíamos para os espaços abertos, arrisquemo-nos uns pelos outros, esperemos, ao lado de quem estende os braços, que uma nova onda da história nos erga. Talvez isso já esteja acontecendo, de modo silencioso e subterrâneo, como os brotos que pulsam sob a terra do inverno.

Uma coisa pela qual ainda vale a pena sofrer e morrer, uma comunhão entre homens, aquele pacto entre derrotados. Uma só torre, sim, mas refulgente e indestrutível.

Em tempos sombrios ajudam-nos aqueles que souberam andar à noite. Leia as cartas que Miguel Hernández mandou da prisão onde por fim encontrou a morte:

Voltaremos a brindar por tudo o que se perde e se encontra: a liberdade, as correntes, a alegria e esse carinho oculto que nos arrasta a procurar-nos por toda a terra.

Pensem sempre na nobreza desses homens que redimem a humanidade. Com sua morte entregam-nos o valor supremo da vida, mostrando-nos que os obstáculos não interrompem a história, lembram-nos de que o homem cabe apenas na utopia.

Só quem for capaz de encarnar a utopia estará qualificado para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade houvermos perdido.

SABATO, Ernesto. Antes do fim. Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Epílogo).